

Crónica *O laminador de coisas...*

Não amor... não amor nem de ti desprezes sequer nem o silêncio de nós, não atendas arruinar o que faltou de nós nem um pouco agastado ser na tua memória o que poderíamos ser não fora este tempo depravado que nem já as gaiivotas debicam no areal sequer poisam na nossa rocha... lembras? aquela ali perto da enseada, ali amor, dos chorões e calhaus lavados pelo mar nas variadas cores onde vezes enamoramos por beijos e promessas e revoltas de nós próprios nos corpos que ainda somos, sabes? Poderíamos ser outras pessoas realmente, como contestaste sempre. Mas não passou assim tanto tempo caramba! Olha, elas já rareiam até na proa dos barcos... as gaiivotas amor... essas aves brancas, vês, de impulsos no cantar... estão já adormecidos os barcos da faina na vila dos teus pais. Dantes elas, as gaiivotas amor, debicavam o pão na mão. Lembras? Eles contaram sempre isso até nós verificamos isso. Não vás agora nessa doença dormente amor que não sabe de coisas maravilhosas que queríamos ter, nem das coisas reais até desgraçadas que nos sobrevieram não vás amor agora nessa dormência estúpida nem sequer confesses mudar-te a fralda até cagares a vontade que sei de beijar-me até se o dia acordasse luminoso e fornicarem pombos em cima das telhas... não desprezes amor de ti nem o silêncio, não admitas essa aresta

do tempo pontiagudo, ele lamina tudo de nós até das coisas. Mas a coisa bonita... amor, neste tempo covarde ... o poema que nunca revelaste escrever... dizia de ti, sei amor - *não falo de nada pela sílaba que consagra ou adivinha/ talvez jorro sobre a corola na*



*mão branca/
não prescreva nascente/
talvez nem seja modo do silêncio
noutra mão noutra cor /
mas de cabeça erguida
ambas singelas modelam
até precisas estrelas
senão areais sob abóbadas/
os filhos esses ressurgem do giz
e esquadria nas fibras da luz
condescendente/*

*ou são lírios no barro ou quase
em jorro malicioso
ou quase todas as mães
perfilhadas nas sombras/
contemplam de si uma nesga
diferenciada
como só todas as mães/
ainda pombos fornicam nas telhas
de todas as cores a maré ainda
desampara nesgas de areia onde
beijarmo-nos ainda o sino
empolado da igreja teima vaidoso
contemplar memórias nos*

bramidos metálicos, a passarada nas árvores ainda deixa reparar a primavera vizinha as ondas ainda vêm às fornadas enquanto começam os pronúncios outonais ainda que um poeta caminhe triste num lugar qualquer ainda que uma mãe no mundo queira o seu filho ainda um pintor, lembras amor, aquele vizinho da frente despido no tronco por vezes de camisa interior sebenta a gatafunhar nas folhas enormes cores trançadas enquanto fazia medições na altura do lápis como cegasse repentino num dos olhos... - empurra-me tu amor, muda-me tu amor a fralda enquanto as tais gaiivotas não chegam para debicar o areal ou retornem para ver os pombos fornicarem,

empurra-me tu, amor, sobre duas rodas quase vazias enquanto basculho... de mim - empurro-te sim amor contra o tempo tenha força para dar de comer a gaiivotas e olhos para ver pombos fornicarem e mães encantadas quando chamam os nomes dos filhos e sentir... - *Mulher Frente ao Espelho, de Victor Cauduro Rojas*
Paço de Arcos, Novembro 2009